

Exposições Itinerantes  
Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea

# Mesa dos Sonhos

Centro de Cultura  
Contemporânea  
de Castelo Branco

Duas coleções de arte contemporânea  
Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento  
e Fundação de Serralves

23.10'18  
- 31.03'19

A Coleção de Serralves é uma coleção de referência que oferece um contexto internacional único para a compreensão da arte contemporânea em Portugal.

A Coleção é composta por obras adquiridas pela Fundação de Serralves desde a sua criação em 1989, em conjunto com depósitos públicos e privados. De entre os acertos depositados em Serralves que constituíram pontos de referências para o desenvolvimento da Coleção de Serralves contam-se a Coleção da Secretaria de Estado da Cultura (SEC) e a Coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

O núcleo da Coleção de Serralves é a arte contemporânea produzida desde os anos 1960 até à atualidade. Arte produzida antes de 1960 pode também ser considerada em função da sua relevância para a Coleção e os artistas nela representados. “Circa 1968”, a exposição inaugural do Museu de Arte Contemporânea de Serralves em 1999, deu particular destaque às décadas seminais de 1960 e 1970, período histórico de mudanças políticas, sociais e culturais a nível planetário, que assistiu à emergência de novos paradigmas do fazer artístico e ao nascimento da era pós-moderna.

Cumprindo o seu programa de pesquisa e desenvolvimento permanentes, a Coleção de Serralves pretende distinguir-se por uma aturada atenção à criação do século XXI, em particular à relação das artes visuais com a performance, a arquitetura e a contemporaneidade no âmbito de um presente pós-colonial e globalizado. Embora repercutindo a arte e as ideias do nosso passado recente, a Coleção tem como objetivo refletir sobre o modo como a arte de hoje também antecipa o seu futuro.

Mesa dos sonhos:

Duas coleções de arte contemporânea

A mesa é um objeto comum, um espaço de encontro e de comunhão, de celebração da vida, lugar das refeições e do descanso das horas que cosem o nosso quotidiano. Mas a mesa pode ser também o lugar da escrita, do trabalho, do pensamento e da reflexão, e ainda um lugar de recolhimento para sonhar. À mesa convive-se, conversa-se, e neste aspeto pode convocar o banquete como expressão maior dessa reunião; por exemplo, a mesa enquanto lugar matricial do pensamento especulativo, presente nas obras de Platão ou de Søren Kierkegaard. Mas pode ser ainda um palco de ficções que a linguagem faz verter na forma escrita. O título desta exposição decorre dessa outra forma de arte, a poesia, tantas vezes próxima do universo das artes visuais, através de um poema de Alexandre O'Neill, intitulado “Mesa dos sonhos”<sup>1</sup>. Deste modo, a mesa é uma ideia omnipresente no nosso imaginário, seja como memória da casa ou como elemento mobilizador de uma sala de exposições – neste caso eixo central para reunir duas coleções de arte contemporânea, a coleção da Fundação de Serralves e a coleção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, ambas criadas no último quartel do séc. XX.

A exposição reúne um conjunto de artistas e de obras que enquadram um arco temporal de quase meio século. A obra mais antiga, da autoria de James Lee Byars, A White Paper Will Blow Through the Street, datada de 1967, foi criada na década que marca o início da coleção de Serralves, enquanto a obra mais recente, da autoria de Julião Sarmento, Estoril Yellow Plants, é uma criação de 2013.

As obras que integram esta primeira mostra da itinerância destas duas coleções incluem diferentes meios de expressão plástica e visual, como a escultura, pintura, desenho e instalação, bem como objetos comuns que transitaram para a esfera da arte. Estas práticas artísticas conheceram, a partir da segunda metade do séc. XX, uma assinalável transformação ou expansão – resgatando aqui o termo cunhado por Rosalind Krauss sobre o campo expandido da escultura<sup>2</sup> que podemos observar, por exemplo, nas obras de Ana Jotta, Monoparental Uma, e de Gabriela Albergaria, Escultura-Desenho, ou ainda na peça de Pedro Cabrita Reis, que nos devolve a relação com a palavra escrita, mas também com a poética que o seu título declara: A palavra inacabada (Uma luz interdita). Esta escultura

1. Alexandre O'Neill, No Reino da Dinamarca, Lisboa: Guimarães Editores, 1958.

2. Rosalind Krauss, “Sculpture in the Expanded Field”, in October vol. 8, Cambridge, MA: MIT Press, 1999, pp. 30-34.



James Lee Byars  
A White Paper Will Blow  
 Through the Street, 1967

3. Ver Adriana Veríssimo Serrão, “A Paisagem como Problema da Filosofia”, Filosofia da Paisagem – Uma Antologia, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, p. 15.

eleva-se no espaço da exposição como um objeto que se liberta do plano do espectador, convocando as ideias de interdição e inacessibilidade. Os materiais utilizados, como a madeira, o vidro e o gesso, simples e comuns, pertencem a um vocabulário vernáculo do quotidiano. Trabalhados pela mão do artista, estabelecem um forte vínculo com os mundos do trabalho e da construção, termos que são muito caros à obra de Cabrita Reis.

Sob este aspeto, a obra de arte transforma-nos o olhar e deste modo o nosso pensamento sobre o mundo que nos rodeia, abrindo diferentes campos de possibilidades para a sua apreensão, mas também funciona como elo de ligação com outras realidades subjetivas, que cada objeto artístico revela enquanto aproxima linguagens e códigos que aparentemente nos parecem distantes. Assim, a exposição é um dispositivo essencial para essa relação próxima e permeável com o imaginário de cada artista, e a presença e o trânsito do corpo do espectador no espaço da exposição são os elementos fundadores dessa experiência. O diálogo entre a obra e o nosso corpo transforma-se num vórtice que nos afeta em termos físicos e psicológicos, confrontando-nos com um estado imaginário que sobre nós é projetado. Como refere Adriana Veríssimo Serrão a propósito do Livro do Desassossego<sup>3</sup> de Fernando Pessoa (Bernardo Soares), “um estado de alma é uma paisagem”, Esse estado imersivo é convocado, por exemplo, na aguarela pintada sobre três folhas da autoria de Luísa Correia Pereira, intitulada My Own Zoo. Esta longa paisagem imaginária é de certo modo uma paisagem possuída pelos sonhos da sua autora, ou um jardim onde a fauna, flora e outros seres pudessem viver na singularíssima paleta cromática que caracteriza muitos dos seus trabalhos.

A exposição permite outras incursões e derivas, nomeadamente a obra de Blinky Palermo intitulada Happier than the Morning Sun, "To Stevie Wonder", dedicada ao cantor Stevie Wonder, ou o desenho intitulado The Golden Tower, base de uma escultura de grandes dimensões pensada e sonhada por James Lee Byars e recentemente apresentada no espaço exterior da 57.<sup>a</sup> Bienal de Veneza.

Certas obras expostas sobre plintos, como por exemplo Billboard Thailandhouse, de Alicia Framis, Skica za manifest o kicu, de Dimitrije Bašicevic Mangelos, ou as esculturas em bronze pintado da série Firmeza, de Ana Jotta, podem fazer-nos pensar na ideia de mesa que os suportes expositivos podem indexar. Mas a mesa dos sonhos, que dá o título a esta exposição, é uma forma poética de falar de encontros que as obras expostas evocam, muitas vezes

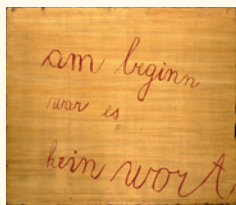


com um caráter autorreferencial, como os desenhos de Silvia Bächli, ou, no caso de Julião Sarmento, como referência ao lugar onde vive e trabalha, ao seu arquivo e aos arquétipos da sua própria obra: a figura feminina, as flores e a casa. E aqui igualmente cabe a ambiguidade que sentimos entre o que é aparentemente perene e tudo o que tempo corrompe.

Sobre uma mesa de sonhos.



Ana Jotta  
Sem título, 1990



Dimitrije Bašičević Mangelos  
am beginn war es kein wort,  
1963/70  
Têmpera e folha dourada sobre  
placa rígida. 48,4 x 56,2 cm  
Col. Fundação de  
Serralves — Museu de Arte  
Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 1998



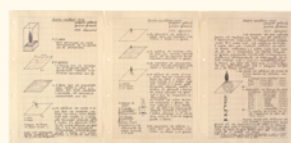
James Lee Byars  
A White Paper Will Blow  
Through the Street, 1967  
Papel circular dobrado em  
forma de sobrescrito. Ø 68 cm  
Col. Fundação de Serralves  
— Museu de Arte  
Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 2002



José Pedro Croft  
Sem título, 1995  
Madeira, espelho.  
42 x 90 x 63 cm  
Col. Peter Meeker em  
depósito na Fundação de  
Serralves — Museu de Arte  
Contemporânea, Porto  
Depósito em 2000



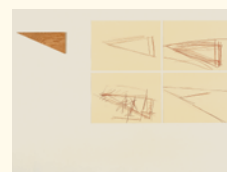
Alberto Carneiro  
A-Z Comunicações, 1971  
Papel, madeira. 50 x 50 x 10 cm  
Col. Fundação Luso-Americana  
para o Desenvolvimento,  
em depósito na Fundação  
de Serralves — Museu de  
Arte Contemporânea, Porto.  
Depósito em 1999



Alberto Carneiro  
Árvore / Escultura viva  
(projecto), 1972  
Grafite sobre papel milimétrico.  
29,5 x 21 cm (cada)  
Col. Fundação Luso-Americana  
para o Desenvolvimento,  
Lisboa em depósito na Fundação  
de Serralves — Museu de Arte  
Contemporânea, Porto  
Depósito em 1990



James Lee Byars  
The Golden Tower, 1974  
Letras impressas a ouro  
sobre papel. 182 x 50 cm  
Col. Fundação de  
Serralves — Museu de Arte  
Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 1999



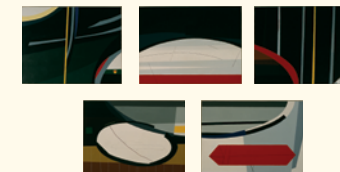
Blinky Palermo  
Happier than the Morning Sun  
"To Stevie Wonder", 1975  
Contraplacado (1 elemento),  
litografias sobre papel Butten  
(4 elementos). Ed. 9/20.  
125 x 255 cm  
Col. Fundação de  
Serralves — Museu de Arte  
Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 1999



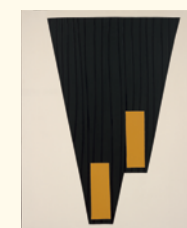
Luísa Correia Pereira  
My Own Zoo, 1977  
Aquarela sobre papel.  
56 x 231 cm  
Col. Fundação Luso-Americana  
para o Desenvolvimento, em  
depósito na Fundação de  
Serralves — Museu de Arte  
Contemporânea, Porto de  
Arte Contemporânea, Porto.  
Depósito em 1990



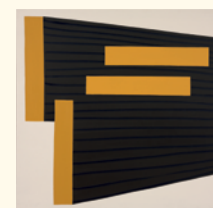
Dimitrije Bašičević Mangelos  
Skica za manifest o kicu, 1977-78  
Folha de ouro e tinta acrílica  
sobre plástico, metal.  
38 x Ø 26 cm  
Col. Fundação de Serralves  
— Museu de Arte  
Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 2006



Pedro Portugal  
Sem título, 1987  
Tinta acrílica sobre tela  
(5 elementos). 46 x 61 cm (cada)  
Col. Fundação Luso-Americana  
para o Desenvolvimento,  
em depósito na Fundação  
de Serralves — Museu de  
Arte Contemporânea, Porto.  
Depósito em 2004



Joaquim Bravo  
Série "Sul Americanos" nº 2, 1988  
Tinta acrílica sobre tela.  
120 x 99,5 cm  
Col. Ivo Martins, em  
depósito na Fundação de  
Serralves — Museu de Arte  
Contemporânea, Porto.  
Depósito em 1995



Joaquim Bravo  
Série "Sul Americanos" nº 4, 1988  
Tinta acrílica sobre tela.  
110 x 115 cm  
Col. Ivo Martins, em  
depósito na Fundação de  
Serralves — Museu de Arte  
Contemporânea, Porto.  
Depósito em 1994





Ana Jotta  
7 obras Sem título, 1990  
Bronze pintado.  
5,5 x 36 x 4,5 cm; 2,5 x 8 x 7 cm;  
8,5 x 28 x 20 cm; 9,5 x 20,5 x 17 cm;  
10 x 16 x 16 cm, 12 x 6,5 x 3 cm;  
10 x 16 x 16 cm  
Col. Fundação Luso-Americana  
para o Desenvolvimento,  
em depósito na Fundação  
de Serralves – Museu de  
Arte Contemporânea, Porto.  
Depósito em 2002



Pedro Cabrita Reis  
A palavra inacabada (Uma luz interdita I), 1992  
Madeira, vidro e gesso.  
120 x 56 x 58 cm  
Col. privada, em depósito na  
Fundação de Serralves – Museu  
de Arte Contemporânea, Porto.  
Depósito em 1998



Helena Almeida  
Dentro de mim, 1998  
Fotografia p/b. 185 x 122 cm  
Col. Fundação Luso-Americana  
para o Desenvolvimento, em  
depósito na Fundação de  
Serralves – Museu de Arte  
Contemporânea, Porto



Helena Almeida  
Dentro de mim, 2001  
Fotografia p/b. 232 x 120 cm  
Col. Fundação Luso-Americana  
para o Desenvolvimento, em  
depósito na Fundação de  
Serralves – Museu de Arte  
Contemporânea, Porto



João Queiroz  
Sem título (da série "O ecrã no peito"), 1999  
Carvão sobre papel  
(60 elementos)  
35 x 50 cm (cada)  
Col. Fundação Luso-Americana  
para o Desenvolvimento,  
em depósito na Fundação  
de Serralves – Museu de  
Arte Contemporânea, Porto.  
Depósito em 2004



Alicia Framis  
Billboard Thailandhouse, 2001  
Madeira, tecido, fotografia.  
a cores. Ed. 2/5.  
35,8 x 51,7 x 56,9 cm  
Col. Fundação de  
Serralves – Museu de Arte  
Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 2006



Ana Jotta  
Monoparental Uma, 2002  
Feltro recortado e entretela.  
156 x 153 cm  
Col. Fundação Luso-Americana  
para o Desenvolvimento,  
Lisboa em depósito na  
Fundação de Serralves  
– Museu de Arte  
Contemporânea, Porto



Gabriel Orozco\*  
Sem título, 2002  
Guache sobre papel.  
30,5 x 23 cm  
Col. Desenhos da Madeira,  
em depósito na Fundação  
de Serralves – Museu de  
Arte Contemporânea, Porto.  
Depósito em 2011



Silvia Bächli  
Solilja, 2003  
Guache, tinta-da-china,  
pastel de óleo, lápis e carvão  
sobre papel, fotografia  
(34 elementos). 238 x 828 cm  
Col. Fundação de Serralves  
– Museu de Arte  
Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 2007



Gabriel Orozco\*  
Sem título (Círculos e rayas), 2003  
Impressão sobre folha de  
madeira. 29 x 15,5 cm  
Col. Desenhos da Madeira,  
em depósito na Fundação  
de Serralves – Museu de  
Arte Contemporânea, Porto.  
Depósito em 2011



Marcelo Cidade  
Imóvel, 2004  
Carrinho de supermercado,  
tijolos de cimento.  
190 x 55 x 100 cm  
Col. P. O. P., em depósito na  
Fundação de Serralves – Museu  
de Arte Contemporânea, Porto.  
Depósito em 2010



Leonor Antunes  
"paving stones across the garden", 2008  
Couro (2 elementos). Ed. 2 + 1 P.A.  
Dimensões variáveis  
Col. Fundação de  
Serralves – Museu de Arte  
Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 2013



Julião Sarmiento  
Estoril yellow plants, 2013  
 Acetato polivinílico, pigmentos,  
 esmalte aquoso, gesso acrílico,  
 tinta acrílica, grafite e serigrafia  
 sobre tela de algodão não  
 preparada. 197 x 222 x 6,5 cm  
 Col. Fundação de  
 Serralves — Museu de Arte  
 Contemporânea, Porto.  
 Aquisição em 2016



Gabriela Albergaria\*  
Desenho-Escultura, n.d.  
 Ramo de cipóia, lápis de cor  
 sobre papel. c. 250 x 200 x 75 cm  
 Col. Desenhos da Madeira,  
 em depósito na Fundação  
 de Serralves — Museu de  
 Arte Contemporânea, Porto.  
 Depósito em 2012



Joel Fisher  
Sem título, n.d.  
 Calcário. 100 x 60 x 60 cm  
 Col. Fundação Luso-Americana  
 para o Desenvolvimento,  
 em depósito na Fundação  
 de Serralves — Museu de  
 Arte Contemporânea, Porto.  
 Depósito em 2000

\*obra não exposta /  
 work not on display

## Table of Dreams: Two Contemporary Art Collections

The table is an everyday object that is used in our daily lives — a place for meeting, socialising, celebrating, dining and relaxing. It may also serve as a space for writing, working, thinking and reflection, and to unwind and dream. We live and talk at the table, wherein the banquet is perhaps the supreme expression of table talk. The table is also the cornerstone of speculative thinking, as found in the works of Plato or Søren Kierkegaard. The table can also be a springboard for flights of fancy — to be transformed by language into written form. The title of this exhibition is taken from a poem by Portuguese poet Alexandre O'Neill, 'Mesa dos sonhos' [Table of Dreams]<sup>1</sup> and indeed poetry often draws close to the universe of the visual arts.

The table is an omnipresent idea in our imaginary universe. It may either conjure up the memory of a house, or serve as the mobilizing element of an exhibition room. In the case of this exhibition it serves as the central axis that encompasses two contemporary art collections — belonging to the Serralves Foundation and to the Luso-American Foundation for Development, both created in the last quarter of the twentieth century.

'Table of Dreams' brings together a group of artists and works spanning almost half a century. The oldest work, James Lee Byars' A White Paper Will Blow Through the Street (1967), was made in the 1960s — the decade that marks the beginning of the Serralves collection — while the most recent, Julião Sarmiento's Estoril Yellow Plants, was produced in 2013.

The works in this presentation of these two collections encompass different forms of visual expression, spanning sculpture, painting, drawing and installation, as well as everyday objects that have migrated into the world of art. From the second half of the twentieth century onwards, these artistic practices underwent a remarkable transformation or expansion — to use the term coined by Rosalind Krauss to describe the expanded field of sculpture<sup>2</sup>.

This transformation/expansion may be observed, for example, in Ana Jotta's Monoparental Uma, Gabriela Albergaria's Escultura-Desenho, or Pedro Cabrita Reis' A palavra inacabada (Uma luz interdita), which refers to the relationship with the written word, and the poetics implicit in the work's title — the unfinished word (a prohibited light). This sculpture appears in the exhibition space as an object that has freed itself from the plane of the spectator, and conjures up ideas of prohibition and inaccessibility. The simple and commonplace materials used — wood, glass and plaster — derive from the ordinary vocabulary of everyday life. Moulded by the artist's hand, they establish a strong bond with the fields of work and building construction, terms that are intimately linked to Cabrita Reis' artistic practice.

From this perspective, the work of art transforms our gaze and thereby changes our view of everything around us, opening up different ways to understand the world. It also functions as a link to other subjective realities, revealed by each artistic object, since it combines languages and codes that initially seem distinct from one another. As a result, the exhibition is an essential device for this intimate and permeable relationship with each artist's imaginary universe. The presence and movement of the spectator's body in the exhibition space are the founding elements of this experience.

The dialogue between the work and our body is transformed into a vortex that has a physical and psychological impact upon us, confronting us with an imaginary state that is projected upon us. As Adriana Veríssimo Serrão points out in relation to the Livro do Desassossego<sup>3</sup> [Book of Disquietude] by Fernando Pessoa (Bernardo Soares), 'a state of soul is a landscape. We sense this immersive state when we stand before the watercolour painting on three sheets by Luísa Correia Pereira, entitled My Own Zoo. The latter is a kind of long imaginary landscape possessed by the artist's dreams, or a garden in which the fauna, flora and other beings may live in the unique chromatic palette that characterises many of her works.

1. Alexandre O'Neill, No Reino da Dinamarca, Lisbon: Guimarães Editores, 1958.

2. Rosalind Krauss, 'Sculpture in the Expanded Field', in October vol. 8, Cambridge, MA: MIT Press, 1999, pp. 30-34.

3. See Adriana Veríssimo Serrão, 'A Paisagem como Problema da Filosofia' Filosofia da Paisagem — Uma Antologia, Lisbon: Philosophy Centre of the University of Lisbon, 2011, p. 15.

The exhibition propitiates further incursions and deviations, such as Blinky Palermo's work, Happier than the Morning Sun, 'To Stevie Wonder', dedicated to the singer Stevie Wonder, or James Lee Byars' drawing, The Golden Tower, which depicts the base of a large-scale sculpture, and was recently presented in the exterior space of the 57th Venice Biennale.

Certain works exhibited on plinths – such as Alicia Framis' Billboard Thailandhouse, Dimitrije Bašicevic Mangelos' Skica za manifest o kicu, or Ana Jotta's painted bronze sculptures from the Firmeza series, – may make us think about the idea of the table, that may be indexed by the exhibition's supports. But the table of dreams, referred to in the exhibition's title, is a poetic way to talk about the encounters that are evoked by the works on display. Such encounters are often of a self-referential nature, such as Silvia Bächli's drawings, or, in the case of Sarmiento, a reference to the place where he lives and works, to his personal archive and the archetypes in his oeuvre: the female figure, flowers and the house. This work also harbours the ambiguity that we sense between that which is apparently perennial and everything that is corrupted by time.

On a table of dreams.

The Serralves Collection is a collection of reference that offers a uniquely international context in which to understand contemporary art in Portugal.

The Serralves Collection is comprised of works acquired by the Serralves Foundation since its creation in 1989, together with long-term deposits from private and public collections. Deposits that have served as points of reference for the development of the collection include the Collection of the Portuguese Secretariat of State for Culture and the Collection of the Luso-American Development Foundation (FLAD).

The focus of the Serralves Collection is contemporary art produced from the 1960s to the present day. The inaugural exhibition of the Serralves Museum of Contemporary Art in 1999, 'Circa 1968', served to highlight the 1960s and 70s, a historic period of political, social and cultural change that took place around the world, as seminal decades out of which emerged new paradigms in art making and the beginning of the post-modern era.

As part of a continued research and development of the Collection in the twenty-first century, the Serralves Collection aspires to further distinguish itself through its focus on contemporary art's relationship to performance, architecture and contemporaneity in relation to a post-colonial and globalized present. While resonating with the art and ideas of our recent past, the Collection aims to reflect on how the art of today also anticipates its future.

Alicia Framis  
Billboard  
Thailandhouse, 2001





## Ler/Read

Alexandre O'Neill, No Reino da Dinamarca, Lisboa: Guimarães Editores, 1958.  
Pedro Cabrita Reis: Contra a claridade, cat. exp., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.  
James Lee Byars, The Palace of the Perfect, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 1997.  
Circa 1968, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 1999.  
Zoom 1986-2002. Coleção de Arte Contemporânea Portuguesa da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento: Uma selecção, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2002.  
Rua Ana Jotta, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2005.  
Filosofia da paisagem: Uma antologia, Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.  
Fernando Pernes, Dizer a imagem: Antologia de textos críticos, Porto: Fundação de Serralves, 2015.

## Ver/See

David Lean, Breve encontro, 1947  
Yasujiro Ozu, Bom dia, 1959  
Manoel de Oliveira, A caixa, 1994  
Pedro Costa, Onde jaz o teu sorriso, 2001  
Marco Martins, São Jorge, 2016

## Ouvir/Listen

Wolfgang Amadeus Mozart, Mozart: Music for Piano Duet, 1973  
Béla Bartók, Microcosmos, 1926-37  
Carlos Paredes & Charlie Haden, Dialogues, 1990  
Rodrigo Leão, Cinema, 2004  
Pop DELL'Arte, POPlastik 1985-2005, 2006

## Exposição

Conceção do programa de itinerâncias:  
Marta Moreira de Almeida  
e Ricardo Nicolau  
Curadoria: João Silvério  
Coordenação: Paula Fernandes  
Organização: Fundação de Serralves –  
Museu de Arte Contemporânea, Porto  
e Município de Chaves

## Publicação

Texto: João Silvério  
Conceção gráfica:  
Studio Maria João Macedo  
Coordenação: Maria Burmester  
Edição: José Gabriel Flores  
Tradução: Martin Dale  
Créditos fotográficos: Filipe Braga,  
© Fundação de Serralves, Porto;  
Laura Castro Caldas e Paulo Cintra,  
cortesia Fundação Luso-Americana  
para o Desenvolvimento, Lisboa  
Impressão: Empresa Diário do Porto

## Apoio institucional



Fundação de Serralves  
Rua D. João de Castro, 210,  
4150-417 Porto

www.serralves.pt  
serralves@serralves.pt  
Informações: 808 200 543



Centro de Cultura Contemporânea  
de Castelo Branco  
Campo Mártires da Pátria, S/N (Devesa)  
6000-097 Castelo Branco  
Tel: 272 348 170  
Email: geral.ccccb@cm-castelobranco.pt

Horário da exposição:  
Ter-Dom: 10h00-13h00; 14h00-18h00